

## O ALAGADO UNIVERSO AMAZÔNICO NAS LINHAS DE ALCIDES WERK

Francisca de Lourdes Souza Louro  
Dra. em Poética e Hermenêutica pela UC- Portugal

“ Todas as epopeias - criadas pelo espírito dos  
poetas, já as vividas pelos homens e pelos povos  
são documentos vertiginosos de pessimismo” .  
Jorge Adriano.

### RESUMO:

Em princípios gerais, a análise literária tem por regra fixar-se nos elementos que a constituem como metro, estrofação, rimas, figuras de linguagem, etc. Ou buscar os sentidos “infinitos” no movimento vertical de leitura, ou o entrelaçamento de recorrências explicitadas a partir das associações morfossintáticas, fônicas, fonéticas e semânticas. Também, no desvelamento da polissemia concentrada nas imagens, em seu jogo de sinonímia e homonímia e, as significativas observações sobre a língua, de como foi estruturado o texto. Não é objetivo usar todos esses recursos, mas destaque-se a Semântica para se olhar as imagens deste texto do poeta Alcides Werk, nascido em Aquidauana, mas, de tanto viver em Manaus, adotou como temática lírica e poética os movimentos do Cosmos Amazônico. O homem, a natureza, as águas grandes das enchentes, são elos de limite na vida ribeirinha, sendo esta a temática recorrente desse texto. É do rio e da floresta que o homem caboclo, assim denominado, tira o sustento para si e sua família. E é, sobre a vida ribeirinha, a angústia e o sofrimento que se destacará nesta poesia. É a “Vida Severina” na Amazônia de todos nós que não temos escolhas, senão a descomunal imagem do rio, soberbo e dominante do espaço, deixando uma só opção ao homem: obedecer.

**Palavras – chave:** Texto, Poesia, Semântica, Águas grandes, Narrador.

### ABSTRACT:

Basically, literary analysis has as a rule to focus on the elements which constitute itself such as meter, verse, rhyme, figures of speech etc. It searches, yet, “infinite senses” into the vertical movement of reading, or the interweaving of recurrences specified from the morphosyntactic, phonics, phonetics, and semantic associations. The enlightenment of polysemy concentrated in the images, in its game of synonymy and homonymy, the significant observations about the language, and of how the text was structured may be highlighted as an important tool to examine the images of this Alcides Werk’s text. This poet as born in Aquidauana ( Mato Grosso do Sul, Brazil), but after many years living in Manaus, he adopted the issues of Amazonian Cosmos as his lyrical and poetic theme. Man, nature and flood mighty waters are boundary aspects of the riverine life, as well as recurrent topic of this text. The sustenance of the Caboclo and of his family, as it will be shown, comes from the river and forest. This poetry highlights the anguish and suffering of this riverine life. To this “Severina Life”, people from Amazon have no the space. This is only option for the Amazonian man.

**Keywords:** Text , Poetry, Semantics, Mighty waters, Narrator.

## DAS ÁGUAS GRANDES

Alcides Werk.

O barco passando e a onda molhando  
o menino molhado, na porta da frente.  
o homem doente  
deitado na rede  
com os olhos cansados de espanto e de  
mágoa  
de ver tanta água  
de ver tanta água  
bebendo do sangue, roendo as raízes  
de tudo o que fez.  
Na estreita maromba  
os bichos chorando de fome e de frio,  
com medo do rio  
com medo do rio que cresce outra vez.

(Quando eu for Presidente,  
de amplos e amorosíssimos poderes,  
decretarei,  
sem visto do congresso,  
nem processo,  
canonizando santos nacionais  
os mártires da enchente.  
Convocarei um exército de anjos  
para domar o rio e o desvario  
dos prováveis dilúvios anuais.  
Mesmo assim, por razões de

previdência,  
visto que temos mártires demais  
  
e precisamos de gente,  
levarei meus irmãos pra terra firme,  
onde casa não pode ser navio,  
nem se esteja sujeito  
às caprichosas emoções do rio).

O barco passando, e meus olhos  
sofrendo  
da mesma miséria da mesma miséria  
que veem.

E, de repente,  
me vem uma vontade provisória  
de encher os bolsos de demagogia,  
entrar em cada casa com um estória,  
qualquer que seja \_ que não seja séria,  
falar de tudo \_ menos de miséria,  
prometer coisas que não cumprirei,  
como se faz em tempo de eleições,  
para que sejam menos infelizes  
(enquanto o rio esconde as roças  
podres)  
mastigando ilusões

Otávio Paz diz que “o sentido do poema é o próprio poema. As imagens são irreduzíveis a qualquer explicação e interpretação”. Por isso se entende que a linguagem é representação e, o elemento – chave da poesia é a imagem: o concreto da representação. Daí

se dizer que toda interpretação deve ser sustentada pelo texto. A postura do escritor revela, pelas vias da literatura de como diferentes autores, aí incluídos romancistas, poetas, assumem consciente ou inconsciente esse estágio em sua produção e o próprio conceito de identidade linguística brasileira, em nós, “amazônica”.

Ver-se-á a pressão psicológica exercida pelo regime de subida e descida das águas, e, nas imagens pintadas pelas tintas poéticas de Werk a de conformismo gerado pelas gerações. A realidade do texto literário, não é o que vem depois ou o que está fora do texto, mas o que o texto sugere e instaura nos limites do seu espaço e de sua construção. A metáfora do rio, do homem, do sofrimento são formas outorgada de linguagem, é por essa via de análise que se olhará no conjunto das frases no texto de como se apresentam.

Na primeira estrofe do poema tem a marcação de um ritmo narrativo, parecendo indicar a continuação de um discurso que já vinha sendo mentalmente elaborado e instaurando um processo de narrativização. Nesse aspecto, as categorias de ação, tempo, espaço se imbricam, já que toda ação ambienta-se em um cenário composto por marcações de duas figuras fazendo parte do contexto como personagens de um mundo insólito. *O menino molhado e o homem doente deitado na rede*. As vítimas que motivam essa narrativa são vistos por um narrador viajante e observador, é como se estivesse gravando, filmando a paisagem, composta de homem e água. E, como não lhes sabe os nomes, chama-os de “o menino molhado” e “o homem doente”. Temos dois sujeitos e dois predicativos. É a prova contundente da maneira de como a sociedade contemporânea dispõe para tornar o cidadão invisível, é não dar-lhe nome.

Em certa medida, o tratamento dado à falta de visibilidade das vítimas constitui uma versão cruel, no entanto, não lhes tira o valor poético do texto. Trata-se de ficção literária construída rente à diferença e a violência social e psicológica gerada pelas grandes cidades.

O núcleo da história que subjaz ao poema é ainda completado pela transformação do “eu lírico” em personagem, que faz conjunto com as duas figuras. E, as personagens são tocadas pela mesma atmosfera de estranhamento que faz oscilar as coordenadas do mundo.

No primeiro momento, um realismo objetivo, um olhar perscrutador e, depois, a teatralização da pregação da doutrina da fé, baseado na tradição cristã e, no terceiro discurso, o redimido possível político “nobre”, cheio de bondade, numa clara ironia do real. A monotonia aparente das repetições parece dizer-nos: veja, a vida humana é sempre isso, é eternamente assim no mundo registrado.

Toda manifestação linguística faz parte de um sistema aberto e, por estar associada a um sentido, pode revelar uma cultura que é a ponte entre o indivíduo e o mundo em sua plena

realização. Muitas vezes usamos a língua para “representar”, “criar mundos”, e ter a possibilidade de usar no lugar de, pôr no lugar de (como ocorre com a ficção literária, por exemplo). Letras formam palavras que geram imagens, isso é o que se chama Literatura. O que dá prazer, virar e revirar páginas que nos desperta para o mundo de recônditas memórias, de descrições, de experiências e de cultura.

Por assim ser, escolheu-se o texto de Alcides Werk por ter uma correspondência com os sentidos que nos serve de ponte entre a língua e a cultura; o retrato da vida interiorana da Amazônia. Nessa perspectiva, poder-se-á perceber que, toda manifestação linguística aplicada nesta poesia, está inter-relacionada com o pensamento que a gera e com um sistema linguístico que a representa. “O mundo repetido no texto é obviamente diferente daquele a que de refere, porque toda descrição pode ser aquilo que descreve” (LIMA,2002).

O que quer que seja repetido no texto não visa a denotar o mundo, mas apenas um mundo encenado que se prestará á interpretação. É um jogo de assimilação, porém, sujeito á desfiguração dependendo do esquema dado pelo autor e a decifração do leitor. E, decifrar, é buscar significado nas palavras, é um exercício interpretativo que requer apoio teórico, para isso, contar-se-á com a Semântica que preconiza que “nenhuma palavra” tem um sentido próprio, que seja dela e sempre associada a ela. Nenhuma mesmo.

Na verdade, essa associação de um ou mais sentido a uma palavra é um fenômeno que ocorre no processo de comunicação e segue o seguinte princípio: sinal; contexto; cenário que se constituem em sentidos que são divididos em sentido menor; sentido médio e sentido maior. É, neste último, que nos deteremos por ser totalmente especializado, conseguindo, pela inserção do contexto, perceber pelo produto da linguagem, “ palavra”, revelar a riqueza de um cenário, de uma vida, de uma história aquarelada com as tintas do sofrimento e da solidão na Amazônia.

A representação do mundo por meio da linguagem exige a possibilidade de especificação dos elementos representados, o que nem sempre é possível com a utilização dos nomes. Assim, a habilidade de representar de forma bem sucedida está diretamente ligada à habilidade de utilizar os recursos disponíveis da língua para especificar, embora se saiba que, em literatura, as palavras ganham, na voz poética, recursos disponíveis de possibilidades de representações variadas e, em geral, expressivos em que o cenário vai se remontando e se mostrando no mundo exposto. Nessa visão poética a que observaremos, podem estar inseridas diversas perspectivas a que nos deteremos nessa leitura textual, assim proposta:

- 1- Localização/espço;
- 2- Linha imaginária do tempo;
- 3- As diferentes formas dos eventos e como eles se desenvolvem na linha do tempo;
- 4- A maneira como esses eventos ocorreram;
- 5- Se há participação de algo ou alguém além do ator principal.

1- Nessa possibilidade tem como *localização* o mundo amazônico, especialmente as barrancas do interior, onde moram os representantes nativos da vida ribeirinha. A Amazônia, em suas instâncias mais recônditas e plenas, apresenta uma realidade subjetiva em puro movimento criador, uma transparência de afetos se sucede numa multiplicidade qualitativa, gerando permanentemente o outro e o si desnudando-se em intensidade e que nunca poderá ser domado: as águas, reflexo do devaneio em que a imaginação torna-se ilimitada contemplada e constituída pela imensidão. O nó central das relações que movem a narrativa, justificando as atitudes, comportamentos e os sentimentos do narrador é dado a saber através de narração que o próprio faz ao narratário. Este, por sua vez é invocado explicita ou implicitamente e pode ser o leitor virtual. Nós, o “leitor modelo” na perspectiva de Eco (1994).

A cheia dos rios é a metáfora da representação do sofrimento humano, o espelho onde reflete a imagem que sobre ele se debruça o homem, como uma espécie de duplo, real. Essa representação sensorial de algo que existe, traduz lógicas de percepção que passam pelos caminhos do imaginário. No caso, a identidade refletida pode, como representação, coincidir – ou não – como modelo original, sem que com isso deixe de ser aceita. “É substancial retomar a questão do homem e a sua interioridade, basta lembrar a leitura bergsoniana da subjetividade, a realidade do Eu transcende os contornos da consciência e ultrapassa em muito a condição de instrumento de ação”. (PAIVA, 2005,191).

Vejamos esses registros:

*O barco passando e a onda molhando / o menino molhado, na porta da frente. / O homem doente / deitado na rede / com os olhos cansados de espanto e de mágoa / de ver tanta água / de ver tanta água / bebendo do sangue, roendo as raízes / de tudo o que fez. / Na estreita maromba / Os bichos chorando de fome e de frio, / com medo do rio / Com medo do rio que cresce outra vez.*

Aqui se vê que o verdadeiro herói, o verdadeiro centro do poema, é a força das águas. Força que manipula os homens, que os submete à força perante a qual a carne dos homens se retrai. Nela, a alma humana, surge incessantemente alterada pelas relações com a força: arrastada, ceifada, curvada pelo constrangimento da força que não suporta. Força a que o submetido, o homem, torna-se uma coisa no sentido literal, porque faz dele um cadáver. *O menino molhado, na porta da frente* é o herdeiro dessa desafortunada herança que o destino reserva aos filhos dos alagados senhores dessa terra. *Os olhos cansados de ver tanta água / de ver tanta água / bebendo do sangue, roendo as raízes* da esperança, pela força manipuladora que impera a alma como a fome a que está submetido.

O homem, em toda parte, é sempre o mais fraco de todos os seres do universo, isto está na *Ilíada* de Homero. Aquiles, o mais orgulhoso, invicto, é-nos mostrado, desde o início do poema, chorando de humilhação e de dor impotente, depois que raptaram, à sua frente, a mulher que queria para esposa. Em *Werk*, são os animais que choram. Neste poema todos padecem desde a nascença da mesma sorte; sofrer a violência da força das águas, como se constata nestes versos: *Na estreita maromba / Os bichos chorando de fome e de frio, / com medo do rio / Com medo do rio que cresce outra vez.*

Seja como for, este poema é uma coisa miraculosa. Nele está a amargura, a miséria e a subordinação da vida humana/animal à força da matéria água. Assim, “Das águas grandes” parece ser uma excelente imitação, por vezes do poema *Ilíada*, mas também, iluminado pelo pensamento de justiça, igualdade e fraternidade, um pensamento Iluminista que ainda não chegou por aqui.

Então, nesses registros, o esquema engendrado na duração de natureza substancialmente virtual, desencadeia o esforço intelectual; e, as imagens captadas nessa perspectiva, é de luta e de oscilação, em que se visualizam os sentidos amalgamados, numa lógica de consciência discursiva em que, o narrador, sai do plano superficial para o plano materializado em estado presente e atuante, organizado pela própria vida, emblematicamente, para ilustrar-nos e apresentar-nos em fios de experiências penetrada pela viagem ciceroneada com o EU lírico viajante.

Loureiro (2001), em sua obra *Uma Poética do imaginário* diz-nos que isso é uma identificação com a paisagem natural e a ideal, com a física e a cultural além de provocar uma espécie de aderência física, moral e estética à terra, não se confunde com a simples contemplação passageira que encanta o viajante, é essencialmente ontológica, necessária, profunda, vital, quase instintiva.

A primeira tomada panorâmica ofusca a vista e atíça os ouvidos do leitor que, num relance, absorve a paisagem caótica e dinâmica expostas pelas lentes do narrador: *O barco passando e a onda molhando o menino molhado, na porta da frente* evidencia que os fatos da vida podem servir como base para a constituição de uma forma literária. Está claro que os fatos da vida espelhados pelo drama podem e devem ser figurados e eles acontecem com muita frequência, isso significa que a vida oferece ininterruptamente a possibilidade de um grande e verdadeiro drama. O poeta, o ser, cuja missão é a de desorientador de paradigmas, desnuda o contrassenso do mundo e torna visível as relações entre as coisas, especialmente, no sentido de transformar as formas simbólicas da representação em investidas interpretativas como se pode perceber nesta repetição: *de ver tanta água / de ver tanta água*, percebe-se na intenção da repetição do termo a verdadeira forma de drama real e histórico e, em primeira e última análise daquele (poeta) que resolve mergulhar a fundo no desvelamento das formas simbólicas, “uma vez que o poeta não se escusa de entregar-se por inteiro à eficácia da imagem” (BACHELARD, 2006,164).

O que se vê está enquadrado pelo ponto de vista do narrador, por meio avaliativo do léxico, do estado e do ambiente onde e como estão os personagens: *com medo do rio / Com medo do rio que cresce outra vez*. A paisagem hídrica e seus habitantes, distinguidos por seu estado de saúde, deixam expostas as fraturas que constituem o interior da Amazônia. O mesmo jogo de imagem está refletida na frase “de ver “tanta” água”, para os olhos e os ouvidos desatentos, podem constituir um lapso que está a serviço da textura desse universo que emerge da vida cíclica e comum na Amazônia, no entanto, a abundância de “tanta” água está vinculada à vida de sempre, pois as águas brotam do chão e potenciam-se na poeticidade da língua portuguesa falada por esse universo poético. O poder linguístico dessas palavras não tem, é claro, uma fonte apenas linguística. Trata-se para o poeta, sobretudo, de criar tais homens, tais espaços e pô-los em tais situações em que as palavras como essas resultem “naturalmente”. (LUKÁCS, 2011,147).

Nessa visualidade há uma espécie de evocação estética, tornando-a destinação de ser contemplada. “O barco passando” pelos olhos do eu lírico surge como primeiro esquema de ação verbal, que não só determina a dimensão pragmática do texto, mas, ao mesmo tempo implica nas condições elementares para a figura do texto e para as oposições constitutivas, demarcadoras do campo temático e das figuras em relevância: *a onda molhando e menino molhado*, uma analogia desenfreada sugerindo o elemento Água.

É a água o objeto apresentado. É dela que nasce o interesse e a subjetividade do artista que pretende mostrar como figura e conteúdo, com valor preponderante e modificador na vida

do homem ribeirinho. A abertura do conceito água faz-se necessária para mostrar a outra pauta do texto: O drama da vida ribeirinha no espelhamento da realidade.

As portas de entrada para essa compreensão são múltiplas, mas, cabe-nos, somente, a possível decifração dos códigos postos em relação no momento da leitura da criação, observando a seleção do tema, dos vocábulos e estruturas feitas pelo poeta, que a fez tanto de forma consciente ou inconsciente, e, por isso, a verdade de uma poesia é sempre uma dialética entre dois momentos; o da construção e o da leitura.

O autor nos impõe o real através do virtual, que concerne à matéria presente que passa para dar lugar ao novo e ao diferente. Infere-se, então, que o virtual é dotado de uma realidade plena que coincide como o ser, a duração e à própria realidade que se conhece sobre a Amazônia. “Daí decorre que duas realidades temporais, em princípios antitéticos, equalizam-se sob a ótica associacionista”. (PAIVA. 2005;211).

O homem existe, o rio e a enchente existem, o sofrimento é real, e etc., passando a existir no mundo real memória, e no virtual, o textual. Assim a beleza artística é superior à beleza natural, porquanto nela o “espírito” está em obra conscientemente. O possível exagero abstrato não reside na crítica, na recusa do conteúdo social das ações, mas no fato de lhes negar, desde o início, toda e qualquer verdade.

A matéria poética e a memória, como se sabe, são construções simbólicas, que estabelecem uma comunidade de sentido e um ponto de referência no mundo. E, o rio, reflete a imagem e as coisas que significam outras coisas, como a que é submetido os ribeirinhos, na época das grandes cheias, é como as ideias e as palavras que inundam o mundo textual e em que poderá ser observado o sofrimento, a fome, a miséria, as promessas e o descaso político... Entre outros, guerra e paz.

A rigor, a imagem como produto de uma instância criadora da consciência, assume a condição de objeto de reflexão para nossa consciência. Vejamos estes versos bastante significativos a despertar-nos a alma de emoção: *O homem doente / deitado na rede / com os olhos cansados de espanto e de mágoa / de ver tanta água / de ver tanta água / bebendo do sangue, roendo as raízes / de tudo o que fez.*

Caberia, neste caso, indagar, com ironia, se cabe, finalmente, distinguir as imagens “reais” das que foram “criadas”? Se tudo que se lê e se experimenta é, por sua vez, recriado enquanto sensação, revivido enquanto memória articuladora de lembrança e decodificada em seus significados? A atribuição de sentido às imagens poderá depender do ponto de vista ou do lugar de quem o lê e de como sente aquilo que se representa?

O discurso de Werk em primeira instância é passeísta e, um segundo, é político-demagógico, nos propondo caminhar na narrativa saindo do desconforto ao conforto, evocando um horizonte de possibilidade de reconstituir a sociedade pelos valores humanos, que se apresentam marginalizados pela política brasileira.

Quando lemos estes versos / *Os olhos cansados de ver tanta água,/ tanta água/ bebendo do sangue, a repetição dos termos tanta água,* configura a amplidão do período de cheia do rio no poema, parecendo-nos que o poeta quer obrigar-nos a pronunciar a palavra “tanta” para se perceber como ela é geradora de uma musicalidade, exigindo que a respiração seja lenta e calma, assim, ganhando relevo sobre as demais palavras.

Esta poesia é metáfora do trabalho inútil de toda a vida que trouxe como retorno as doenças, a velhice, o desconforto econômico ao homem. Essa imagem ante-épica é cifra da condição humana, nitidamente consolidada pela falta de apoio das autoridades locais, governamentais. Diante da proporção magnífica que ultrapassa o horizonte do olhar, as águas, a floresta na Amazônia, confere ao homem uma ideia de grandeza contínua, geradora de uma espécie de sentimento de unidade da região. “Nessa grandeza se inter-relacionam”, água, floresta, homem vivente nela, com ela, dela. A existência local está em íntima e espontânea relação com a totalidade”. (LOUREIRO, 2001)

2- Na linha imaginária do tempo percebe-se um tempo diluviano denominado de verão chuvoso. O tempo das águas na Amazônia é cíclico, seis meses enchendo, seis meses secando. Na cheia, a representação da escassez de comida, doenças, tempos difíceis de viver pela falta de trabalho na terra. Na seca, vê-se fartura no plantio e na colheita, a felicidade.

A literatura torna-se uma força social que se dirige a todos, pois traduz uma sensibilidade coletiva deste mundo de informação, traduzindo as antinomias urbanas no narrador observador, e rural, nos personagens observados. Na poesia, é claro, o rural vicioso e o rural virtuoso, um pouco cínica pela característica niilista do ser sempre novo e sempre igual, pela continuidade da existência que se repete como as águas do rio. O homem, (EU LÍRICO), é suplantado pela perplexidade diante da condição angustiante, tomado por forças afetivas observa, e pensa em reconduzir essa dimensão quase pré-humana, que emerge, de uma absurdidade e um deslocamento da lógica da razão e da sobrevivência.

Na poesia de Werk percebe-se uma chamada de tomada de consciência do leitor para os problemas expostos, com as contradições que a vida rural suscita. Trabalhando no âmbito do imaginário, a literatura fala de um tempo supostamente acontecido para a voz narrativa e frente ao qual, o leitor se reconhece. Embora o texto seja um sintoma de uma realidade

próxima da existência, não nos apresenta um guia prático de ação concreta, tem sim, uma ilusória possibilidade, um sonho como se constata nestes versos da última estrofe:

*E, de repente, / me vem uma vontade provisória / de encher os bolsos de demagogia, / entrar em cada casa com um estória, / qualquer que seja \_ que não seja séria, / falar de tudo \_ menos de miséria, / prometer coisas que não cumprirei, / como se faz em tempo de eleições, / para que sejam menos infelizes / mastigando ilusões.*

Nestes versos há o desmentido das promessas dos versos da estrofe anterior. A questão dos narradores é paranoica, prometer coisas que não cumprirei, promessas de vantagens como se faz em tempo de eleições, tal qual fazem os políticos, passado o processo, o já eleito, põe na conta do esquecimento e só volta a prometer em uma nova enchente, nova eleição. Tal qual as enchentes, a promessa política é também um processo contínuo na vida humana.

A propósito, a teoria da sociedade é a de que ela é sempre má, e que a reforma ou a transformação da sociedade não pode ter outro objetivo senão o de torná-la o menos má possível. Platão entendeu isso, e a sua construção de uma sociedade ideal na República é meramente simbólica (WEIL, 2006) “ tal o desejo do discurso do possível político do texto” (grifo nosso).

3- As diferentes formas dos eventos e como eles se desenvolvem na linha do tempo vão encontrar nos versos de Werk as possibilidades temporais:

*(Quando eu for Presidente, / de amplos e amorosíssimos poderes, / decretarei, / sem visto do congresso, / nem processo, / canonizando santos nacionais / os mártires da enchente. / Convocarei um exército de anjos / Para domar o rio e o desvario / Dos prováveis dilúvios anuais. / Mesmo assim, por razões de previdência, / Visto que temos mártires demais / E precisamos de gente, / Levarei meus irmãos pra terra firme, / Onde casa não pode ser navio, / Nem se esteja sujeito / As caprichosas emoções do rio).*

Sem dúvida, o que se vê, é a sensibilidade poética que privilegia o momento de crise política e o insere de forma crítica e cáustica no contexto da poesia. O efeito dessa problemática é integrar a obra literária num dispositivo de comunicação, organizado a partir da leitura do texto com o contexto social. Tal roteiro define um processo linear que corresponde, absolutamente, ao contexto político histórico do país. O escritor é um sonhador e conhece tudo isso, sente isso e, pela diminuição da dor do mundo exterior sente um aumento de intensidade em propagar os valores da vida. A imaginação ultrapassa o reino dos fatos, ajuda-nos a encarar a poesia como um documento que marca uma biografia. Acredita-se que o cidadão, (poeta / leitor) nessa rede invisível, atravessa divisões sociais e assiste à emergência

da sociedade e, num registro distinto, põe o texto sobre e pela via ótica do interesse da política territorial.

O confronto criativo com o momento político é destaque e, a enunciação, duplica-se por seu reflexo no espelho da Literatura. Neste texto, pode-se dizer que há um contexto; uma narrativa onde o escritor se posiciona na cenografia e valida, no discurso, a possibilidade de existência por compartilhar com o seu narratário.

O poeta convocado por Deus é um dos elos de uma cadeia providencial cuja cronografia cósmica abrange Moisés e, em tal universo, a enunciação da promessa política prometendo a salvação, eliminando todo o Mal, é voltada à cronografia cósmica que abrange Moisés e, assim o poeta ressurgue no plano divino providencial por ser mais um convocado por Deus para a salvação dos homens na terra. A cenografia aqui é aprisionada no jogo das forças materiais e espirituais pelo qual o universo é atravessado. A obra mostra um mundo que reivindica a própria cenografia que o instaura e nenhuma outra.

#### 4- A maneira como esses eventos ocorreram

É de forma plana nos dois discursos que o texto apresenta. São personagens problematizadas, como não poderia deixar de ser, uma vez viver longe da cidade e ser um Ser esquecido pelo poder público, torna-o vivente à margem da sociedade. Gente resignada, sem reclamações onde a certeza é a de que tudo vivido é desde os ancestrais. O primeiro discurso nos primeiros versos é a do narrador observador, estratégia para captar a atenção, apontando para onde quer que o leitor veja e se envolva na melancolia, na doença, na relação de abandono a que está fadado o caboclo.

A imagem do menino molhado, na porta da frente, depois a repetição dos versos de ver tanta água, de ver tanta água, reconfigura a ruína a que vive o homem das enchentes, fechado em si mesmo, enfraquecido entre o seu eu e o mundo caleidoscopicamente fragmentado pelas duas estações: verão seco e verão chuvoso. Este emparedado é um naufrago constantemente ameaçado sobrevivendo ao caos de toda ordem natural. No segundo discurso, o demagógico e político:

*(Quando eu for Presidente, / de amplos e amorosíssimos poderes, / decretarei, /sem visto do congresso, / nem processo, / canonizando santos nacionais / os mártires da enchente. / Convocarei um exército de anjos / Para domar o rio e o desvario / Dos prováveis dilúvios anuais. / Mesmo assim, por razões de previdência, / Visto que temos mártires demais / E*

*precisamos de gente, / Levarei meus irmãos pra terra firme, / Onde casa não pode ser navio, / Nem se esteja sujeito / As caprichosas emoções do rio)* vê-se a emoção, o desejo e a euforia de compensar a falta de afeto, de vontade coletiva de uma nação, ausência de feitos heroicos de governantes.

O eu lírico, utiliza-se de promessas tresloucadas e utópicas para resgatar os órfãos alagados do esquecimento na terra para serem coroados como anjos e santos do céu. A exploração desses meandros subjetivos (arma-se de poder Divino para divinizar os sofredores terrenos/alagados), faz o leitor refletir na trama e na armadilha do discurso. Será mais um a prometer? Ou este é mais um Dom Quixote, o do Amazonas, surgindo e brigando, não com moinhos de vento, e sim com o monopólio capitalista do Sul, e os desgovernos do Estado que não tomam providencias com as enchentes que inundam este universo amazônico, (se isto é poder do homem, domar a fúria das águas).

As vítimas que motivam esse discurso, vivem num “beco sem saída”, é uma prova contundente das maneiras que a sociedade tem e dispõe para tornar o cidadão invisível. Fingir que esse problema não é nosso, é a forma egoísta de esconder a miseranda vida do irmão distante. Vê-se, então, que o texto de Werk está construído e constituído de violência social e psicológica, gerada pelas grandes cidades. Em certa medida, o tratamento dado à falta de visibilidade às vítimas constitui uma versão cruel, mas não menos poética.

##### 5- Se há participação de algo ou alguém além do ator principal

Um autor constrói sua assinatura no interesse do leitor. Pensemos que o poeta, em todas as épocas, é um observador importante da vida e refaz essas vidas, pela experiência linguística na fala de suas personagens, o que denominamos de “Eu Lírico”. A consciência de transfigurar a figura emblemática do caboclo interiorano é um desafio, e mais, um documentário e experiências de vidas traduzidas para que alguém perceba a complexidade da Amazônia. Nesse poema quase prosa, espécie de confissão, há um narrador em primeira pessoa, um eu lírico observador e outro demagógico em si mesmo, que descreve dois sujeitos, suas ações e condições, caracterizam-se como o menino molhado e o homem doente tendo como consequência o ato de ver tanta água.

A dimensão do termo visual na expressão “ tanta agua” e o sinalizador que dinamiza o texto. Isso significa as formas diferenciadas de organizar o assunto e as consequências de produzir esses referentes visuais e, para que o leitor encontre a necessidade de descobrir e tenha interesse na exposição discursiva de todo o texto.

*(Quando eu for Presidente .... E de repente, / me vem uma vontade provisória / de encher os bolsos de demagogia, / entrar em cada casa com um estória, / qualquer que seja \_ que não seja séria, / falar de tudo \_ menos de miséria, / prometer coisas que não cumprirei, / como se faz em tempo de eleições, / para que sejam menos infelizes / (enquanto o rio esconde as roças podres) / Mastigando ilusões.*

O uso adequado do advérbio no verso “quando” eu for Presidente, demonstra a memória ampliada no passado urdido pelas demagogias políticas já tão “fracassadas” por todos os tempos. A história no futuro “do menino molhado” se repetirá no presente para o futuro “homem doente”.

*In principio erat verbum*

“O mito mostra que as duas categorias fundadoras do cosmo, do sentido são a linguagem (primeiro relato da criação e o trabalho (segunda narrativa)”, (FIORIN, 2008,11). Os vários discursos textuais no referido poema gera um interesse particular, repito aqui o que Fiorin et al diz:

O sujeito pragmático da enunciação - aquele mesmo que se inscreve na atividade de comunicação linguageira – torna-se desde então “configurável” como um feixe de atitudes em relação aos objetos de conhecimento que ele põe no lugar e dispõe segundo as aberturas e as coerções de uma certa ordem de saber.

O sujeito de que fala o referido autor é o narrador na função de atestador, de testemunha da ação dos sujeitos do mundo observado por ele; sujeito na função ideológica, quando se enche de arrogância política e de poder santificado. Os tempos verbais desse texto estão organizados em torno do eu narrador na posição de presente, e futuro.

A tese central da poesia é a existência do ser humano que primeiramente existe, sem qualquer determinação previa da existência, depois define-se pelo que vier a fazer de si, mas, o que fazer de si se no si falta-lhe a essência da liberdade? E esta é subjetividade em atos livres como pensou Sartre. No homem da Amazônia faltam-lhe liberdade e determinação. Um ethos vivente de Agonia e Êxtase e, esse ethos está condicionado a produzir habitus intransponíveis, marcado para aceitar os desígnios da natureza sem discutir.

Werk, nesta poesia, deixa que o leitor exale o som melancólico e triste, perceba o suspense da vida e da morte, veja o ser corporificado e cansado de existir que anda uma trilha

solitária, meditativa. Um eu derramando os olhos na imagem do rio que reflete em si mesmo. Duas grandezas indissolúveis; uma que determina a existência da outra.

Na poesia de Alcides Werk há, finalmente, um tecido de oposições, uma oscilação entre o belo e feio, um espírito de dialética agónica, que, na maior parte do texto, resume-se numa vitalidade combativa e contagiante. Sob a égide da prosopopeia, a «deliciosa tristeza» e a «melancólica alegria» desenham uma das muitas faces do homem: uma face sombria é certo, mas, como adverte o pensamento rico, denso, envolvente e provocante de Werk é entregue a nós, seus leitores.

#### Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi: revisão da tradução Alain Marcel Mouzat, Mário Laranjeira.- 2ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2006.
- BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo : contexto, 2010.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. São Paulo; Leya, 2011.
- CYNTRÃO, Sylvia Helena. **Como ler o texto poético**; caminhos contemporâneos. Brasília : Plano Editora, 2004.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque de ficção**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.
- FERRAREZI, Celso Jr. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial: 2008.
- FERREIRA, António Manuel. **Traços de distorção na poesia de José Régio**. Universidade de Aveiro, 2002, pp. 25-32.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Editora Ática S.A. 2008.
- LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: Textos de Estética da Recepção. Hans Robert Jauss...et al.; Coord. E Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**: Cultura Amazônica: Uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- LUKÁCS, Gyorgy. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MOYSES, Leyla Perrone. **Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- PAIVA, Rita. **Subjetividade e Imagem**. A literatura como horizonte da filosofia em Henri Bergson. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005.
- PAZ, Otávio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.
- PELLEGRINI, Tania. **A imagem e a letra**. Aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo : Fapesp,1999.
- WEIL, Simone. **A fonte Grega**. Estudos sobre o pensamento e o espírito da Grécia. Trad. Filipe Jarro. Livros Cotovia, Lda. Lisboa, 2006.
- WERK, Alcides. **A Amazônia de Alcides Werk: Toda poesia**. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 2004.